

Sindicato e partido político em Gramsci

*César Albenes de Mendonça CRUZ**

[...] a emancipação do proletariado não é obra de pouca importância nem de homens insignificantes; só quem, no meio da desilusão geral, mantiver o coração firme e a vontade aguçada como uma espada, pode ser considerado um lutador da classe operária, pode ser chamada revolucionário (GRAMSCI, 1976, p. 144).

Resumo: Apresenta o pensamento de Antonio Gramsci como reflexões que permitem à classe trabalhadora se conscientizar como classe, e nessa perspectiva possa articular os diversos instrumentos de luta contra a lógica do capital, principalmente através do Partido Político. É possível que os trabalhadores valorizem toda e qualquer forma de organização e de luta, dentre eles os sindicatos, e os potencializem para a construção de uma nova sociedade, além do capital. Assim, Gramsci tece uma série de críticas aos sindicatos, mostrando suas potencialidades e limites contra a ordem do capital, permitindo-nos perceber que é preciso um instrumento de luta, que ajude a classe trabalhadora a se organizar, a se mobilizar e a se formar, e esse instrumento é o Partido Político da Classe Trabalhadora.

Palavras-chave: Classe Trabalhadora. Sindicato. Partido Político.

Trade union and political party in Gramsci

Abstract: In this article, we present the thoughts of Antonio Gramsci as reflections on allowing the working class to raise self-awareness as a class and thus operate the various instruments of struggle against the logic of capital, especially through a Political Party. It is possible that workers value all and any form of organization and struggle (among them, the trade unions) and get empowered to build a new society beyond capital. Thus, Gramsci makes a series of criticisms to trade unions, showing their potential and limitations against the order of capital, which allows us to realize that an instrument of struggle is needed, one to help the working class get organized, mobilized. This instrument is the Working Class Political Party.

Key-words: Working Class. Trade Union. Political Party.

Recebido em: 04.05.2009. Aprovado em: 14.10.2009.

* Filósofo, mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, doutorando em Serviço Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, professor da Faculdade São Geraldo. E-mail: calbenes@uol.com.br

Introdução

O filósofo Antonio Gramsci oferece a possibilidade de articulação das lutas sociais dos trabalhadores, na perspectiva da sua emancipação e da construção de uma outra forma de sociedade. Para essa articulação, Gramsci propõe como instrumento fundamental das diversas lutas sociais, o Partido Político que, segundo ele, tem um papel fundamental no processo de disputa de hegemonia, sendo o principal instrumento de luta contra a dominação burguesa. Analisa os demais instrumentos de luta da classe trabalhadora e vê, no Partido Político, o grande instrumento de luta, de mobilização, organização e formação política do proletariado. Os sindicatos e outros movimentos sociais são, para Gramsci, instrumentos políticos importantes e devem ter suas direções disputadas pelos trabalhadores. No entanto, eles estão presos aos limites da ordem capitalista, tendo suas reivindicações limitadas, particularizadas de acordo com o objetivo específico de cada movimento.

A importância dos sindicatos e do partido político

Gramsci acredita que, nos instrumentos de luta da classe trabalhadora, já exista, em potência, características do Socialismo, mas esses instrumentos precisam ser coordenados e direcionados pelo Partido. Podemos confirmar a ideia de Gramsci, na seguinte passagem do Texto *Democracia Operária*, escrito em colaboração com Palmiro Togliatti para o Jornal *L'Ordine Nuovo*, de 11 de junho de 1919.

O Estado socialista já existe em potência nas instituições da vida social características da classe trabalhadora explorada. Interligar estas instituições, coordená-las e subordiná-las numa hierarquia de competências e poderes altamente centralizados, respeitando, porém, as indispensáveis autonomias e articulações, significa criar aqui e agora uma verdadeira e representativa democracia operária, eficaz e efetivamente oposta ao Estado burguês, e já preparada para o substituir em todas as suas funções essenciais de gestão e controle do patrimônio nacional (GRAMSCI, 1976, p. 30).

Em outro artigo sobre O Partido e a Revolução (*L'Ordine Nuovo*), de 27 de dezembro de 1919, Gramsci deixa claro que o Partido Político é o instrumento fundamental que deve organizar os demais, dizendo-nos que:

O Partido permanece a hierarquia superior deste irresistível movimento de massas; ele exerce a mais eficaz ditadura, a que nasce do prestígio, a aceitação consciente e espontânea de uma autoridade que se reconhece indispensável para o bom êxito da tarefa empreendida (GRAMSCI, 1976, p. 62).

O partido político não tem suas preocupações voltadas a objetivos particulares, ou a objetivos específicos determinados, ao contrário, suas reivindicações são gerais e universais. Segundo Gramsci, o Partido Político deve ser o *Príncipe* coletivo capaz de resumir nele as vontades coletivas e dirigir a classe para a tomada do poder, o

[...] moderno príncipe, propagandista e organizador de uma reforma intelectual e moral, que cria condições para o desenvolvimento da vontade coletiva

nacional-popular (GRAMSCI apud SIMIONATTO, 2004, p. 61).

Gramsci faz uma crítica contundente aos sindicatos italianos e à sua burocratização, mostrando o quanto se afastaram da classe trabalhadora, mostrando seus limites como instrumento ligado à luta imediata por melhorias nas condições de trabalho e salário, ou seja, por reformas sociais. Nesse sentido, ao analisar o processo de burocratização dos sindicatos, ele nos confirma no texto sobre Sindicatos e Conselhos I, no Jornal *L'Ordine Nuovo*, de 11 de outubro de 1919, que:

Os operários sentem que o complexo da 'sua' organização se tornou num aparelho de tais dimensões que acabou por obedecer a leis próprias, inerentes à sua estrutura e ao seu complicado funcionamento, mas estranhas à massa que adquiriu consciência da sua missão histórica de classe revolucionária. Eles sentem que a sua vontade de poder não encontra expressão adequada na atual hierarquia institucional. Eles sentem que, mesmo na sua casa, na casa que tenazmente construíram, à custa de esforço e perseverança, cimentando-a a sangue e lágrimas, a máquina esmaga o homem, a burocracia esteriliza o espírito criador e o diletantismo banal e verbalista tenta em vão esconder a ausência de idéias precisas sobre as necessidades da produção industrial, ou a incapacidade de comprometer a psicologia das massas proletárias. Os operários irritam-se com estas condições de facto, mas são impotentes individualmente para as modificar; as palavras e a vontade dos homens isolados são muito pouca coisa em comparação com as leis de ferro inerentes à estrutura burocrática do aparelho sindical (GRAMSCI, 1976, p. 42).

O horizonte limitado dos sindicatos dentro da ordem capitalista faz com que tenham limites em transpor essa ordem, tendo um papel político e pedagógico importante no sentido de mostrar à classe trabalhadora seus limites em se reformar. Em outras palavras, os sindicatos são importantes instrumentos de luta por mostrarem os limites do capitalismo no âmbito econômico ou da luta econômica. Porém, eles não são instrumentos para a transformação social, para a revolução; pois esse papel cabe ao Partido Político que deve formar a classe e prepará-la nesse caminho. Ao criticar o caminho tomado pelos sindicatos, Gramsci comenta no artigo sobre o Sindicalismo e Conselhos (*L'Ordine Nuovo*), de 8 de novembro de 1919; o caminho que pode tomar o movimento sindical, ao perder a perspectiva revolucionária e se contentar em agir nos marcos da ordem capitalista:

A teoria sindicalista falhou completamente na experiência concreta das revoluções proletárias. Os sindicatos demonstraram a sua incapacidade orgânica para encarnarem a ditadura do proletariado. A evolução normal do sindicato está assinalada por uma linha de decadência do espírito revolucionário das massas: aumenta a força material, enfraquece ou desaparece de todo o espírito de conquista, quebra-se o impulso vital; à intransigência heróica sucede a prática do oportunismo, a prática 'do pão e da manteiga'. O incremento quantitativo determina um empobrecimento qualitativo e uma acomodação fácil às formas sociais capitalistas, determina o aparecimento de uma psicologia parasitária, mesquinha, de pequena e média burguesia. E, no entanto, a tarefa elementar do sindicato é a de recrutar 'toda' a massa, é a de absorver nos seus quadros todos os trabalhadores da indústria e da agricultura. O meio não é,

pois, adequado ao fim, e, uma vez que o meio não é senão um momento do fim que se realiza, que se faz, deve-se concluir que o sindicalismo não é um momento para a revolução, não é um momento da revolução proletária, não é a revolução que se realiza, que se faz: o sindicalismo não é revolucionário senão pela possibilidade gramatical de acoplar as duas expressões (GRAMSCI, 1976, p. 47-48).

Sobre o papel do Partido Político, Gramsci nos esclarece que o prestígio do Partido cresce à medida que se alarga e atinge estratos populares, grupos e indivíduos que nunca tinham participado na luta política, suscitando neles a aprovação e desejo de trabalhar, proficuamente, para o advento do comunismo. Para que isso aconteça é necessário dar uma forma e uma disciplina permanente às energias desordenadas e caóticas, organizá-las e consolidá-las,

[...] transformar a classe proletária e semi-proletária numa sociedade organizada capaz de se educar a si própria, de ganhar experiência e adquirir uma consciência responsável dos deveres que competem a uma classe que conquista o poder (GRAMSCI, 1976, p. 30).

Sobre o Partido Político, Gramsci também trabalha a relação dos intelectuais com o Partido, no sentido do papel que estes têm na luta ideológica e cultural. Na luta pela hegemonia entre as classes, aquelas que produzem o maior número de intelectuais, e mesmo conseguem ganhar os intelectuais das outras classes sociais, asseguram sua hegemonia. Os intelectuais têm um papel fundamental de garantir o consenso e o convencimento das demais classes sociais, porquanto, é através da atuação dos inte-

lectuais que a classe dominante consegue fazer com que seu projeto de sociedade seja aceito como o melhor projeto para todos. Destarte, na teoria de Gramsci, a questão dos intelectuais ganha importância na medida em que eles têm o papel fundamental de fazer com que as ideias e a cultura dominante sejam aceitas como ideias e cultura de todos. A questão do conhecimento e da cultura é fundamental, na medida em que através delas, a classe dominante consegue manter sua hegemonia, mais pelo convencimento do que pela repressão. Cabe ressaltar que os intelectuais não são só os dedicados à pesquisa e ao estudo teórico como o intelectual tradicional, mas também, o intelectual orgânico pode ser uma liderança que saiba a que classe pertence, divulgue as ideias e as concepções de mundo da classe à qual está ligada. Existe o intelectual orgânico das classes dominantes e o intelectual orgânico das classes trabalhadoras. O intelectual orgânico não, necessariamente, precisa estar ligado à sua origem de classe, pois uma liderança que nasceu na classe operária pode fazer opção pela classe burguesa e se colocar a serviço do capital, e vice-versa.

Para que a produção de intelectuais possa acontecer, no caso da burguesia, esta conta com os aparelhos de hegemonia como o próprio Estado e suas instituições, os meios de comunicação, a educação, etc. No caso da classe trabalhadora, ela conta com os sindicatos, os movimentos sociais e o próprio Partido. Entre esses aparelhos, é tarefa do Partido oferecer uma formação de quadros para preparar lideranças aptas a disputar as direções dos movimentos e das organi-

zações presentes na Sociedade Civil, e que não, precisamente, estejam sob o controle da burguesia. Gramsci é muito utilizado na área da educação por defender o acesso da classe trabalhadora ao conhecimento humano acumulado, mesmo que seja a cultura burguesa; no entanto, ele defende que é tarefa fundamental do Partido da classe trabalhadora (PCI no caso da Itália) oferecer para os trabalhadores uma formação política capaz de fazê-los acessar à filosofia da práxis, ou seja, o marxismo. Em outro artigo, intitulado O Partido e a Revolução (*L'Ordine Nuovo*), de 27 de dezembro de 1919, Gramsci comenta a importância da formação teórica, do acesso aos conceitos capazes de dar à classe trabalhadora a união e a força para a construção do socialismo.

Os conceitos difundidos pelo Partido operam autonomamente nas consciências individuais e determinam configurações sociais novas em concordância com esses conceitos, originam organismos que funcionam por leis próprias, aparelhos embrionários do poder, nos quais a massa realiza o seu governo e adquire consciência da sua responsabilidade histórica e da sua missão particular: a criação de condições para o comunismo regenerador. O Partido, como formação ideológica compacta e militante, influencia esta elaboração interna de novas estruturas, esta atividade de milhões de infusórios sociais, preparando os rubros bancos de coral que, num futuro não muito longínquo, ao nascerem, quebrarão o ímpeto da tempestade oceânica, restituirão a paz às ondas e estabelecerão novamente o equilíbrio nas correntes e nos climas. Mas este influxo é orgânico, nasce da circulação de idéias, da manutenção, intacto, do aparelho de governo espiritual, do fato de que os milhões e milhões de trabalhadores, fundando a nova

hierarquia, instituindo a nova ordem, sabem que a consciência histórica que os move tem uma encarnação viva no Partido Socialista é justificada por uma doutrina, a do Partido Socialista, tem um baluarte poderoso, a força política do Partido Socialista (GRAMSCI, 1976, p. 62).

O Partido deve ter sua escola de formação de quadros para preparar os dirigentes da classe trabalhadora e poder guiá-los rumo à revolução. O embate ideológico e cultural, como parte da luta de classes, se materializa pelo bombardeio diário nas mentes dos trabalhadores, de valores e ideias da cultura dominante; e só uma teoria que mostre como funciona a sociedade e a possibilidade real de sua transformação, poderá armar os trabalhadores para resistir e lutar contra o sistema. No texto Democracia Operária, escrito em colaboração com Palmiro Togliatti para o Jornal *L'Ordine Nuovo*, de 11 de junho de 1919, Gramsci nos confirma esta proposição na seguinte citação:

O Partido deve continuar a ser o órgão de educação comunista, o dimano da fé, o depositário da doutrina, o supremo poder que harmoniza e conduz até ao seu objetivo as forças organizadas e disciplinadas da classe operária e do campesinato. E é precisamente porque ele deve encarregar-se com todo o rigor desta tarefa que o Partido não pode escancarar as portas à invasão de novos aderentes, não acostumados ao exercício da responsabilidade e da disciplina (GRAMSCI, 1976, p. 30).

Em outro texto, intitulado O Partido e a Revolução (*L'Ordine Nuovo*, de 27 de dezembro de 1919, ele deixa ainda mais claro o papel de aglutinador do Partido,

ao mesmo tempo que valoriza os demais instrumentos de luta da classe trabalhadora, deixando nítido que

[...] a luta de classes não pode ser dirigida para outro objetivo que não seja a conquista do poder do Estado pela classe operária, com o fim de virar este poder impiedoso contra os parasitas e forçá-los a reentrar nas fileiras do trabalho e abolir de um só golpe a monstruosa fatia que eles arrebata. Toda a massa trabalhadora deve cooperar para este fim, deve assumir uma forma consciente segundo a ordem que ocupa no processo de produção e troca. Assim, cada operário, cada camponês é chamado a constituir o aparelho do governo industrial e da ditadura: no Conselho está encarnada a forma atual da luta de classes, no sentido da conquista do poder. Esta é, pois, a rede de instituições nas quais o processo revolucionário se desenvolve: o Conselho, o sindicato, o Partido Socialista. O conselho, produto histórico da sociedade, originado pela necessidade de dominação do aparelho de produção, nascido da conquista da auto-consciência pelos produtores. O sindicato e o Partido, associações voluntárias, instrumentos de propulsão do processo revolucionário, 'agentes' e 'gerentes' da revolução; o sindicato coordena as forças produtivas e imprime ao aparelho industrial a forma comunista; o Partido Socialista, modelo vivo e dinâmico de uma vida social que reúne disciplina e liberdade e dá ao espírito humano toda a energia e entusiasmo de que ele é capaz (GRAMSCI, 1976, p. 63-64).

Sobre os conselhos de fábrica / conselhos operários

Gramsci é conhecido também como o teórico dos conselhos de fábrica, os quais foram fundamentais para ensaiar uma experiência de poder operário na região

de Turim, a região da produção automobilística e o centro operário italiano. Os conselhos eram organizações operárias autônomas dos trabalhadores e se organizavam livremente, sem a intervenção dos sindicatos. Essa experiência pôde mostrar aos operários o poder de organização e mobilização que eles tinham, além de ser uma experiência educativa que lhes mostrou sua força, em relação aos capitalistas italianos. E que, a partir da própria produção capitalista, do coração do sistema, já era possível construir um duplo poder, ou seja, dar aos trabalhadores coletivos o poder de parar a fábrica e reivindicar seus direitos. A experiência, casada com atividades de formação política e das informações passadas pelos jornais socialistas, vai impactar a subjetividade dos trabalhadores. Coordenado por Gramsci, o jornal *L'Ordine Nuovo* vai dar um poder de mobilização e organização aos operários, irá sacudir toda a Itália e fazer avançar o próprio PSI (Partido Socialista Italiano). Infelizmente, após um período de greves e mobilizações, haverá a negociação entre o PSI/ CGL (Central Geral dos Trabalhadores) com os empresários; e os operários serão desmobilizados e desorganizados, seguindo-se a isso uma intensa repressão, que irá desbaratar grande parte do movimento. Segundo Gramsci, o poder dos conselhos vai além dos limites dos sindicatos, pois diferentes dos sindicatos que fazem o papel de negociadores coletivos dos interesses econômicos imediatos dos trabalhadores, eles teriam o papel eminentemente político de enfrentar e organizar a luta contra o capital.

No texto sobre os Sindicatos e Conselhos I (*L'Ordine Nuovo*), de 11 de outubro de

1919, Gramsci fala com certa descrença, sobre o papel dos sindicatos e do seu processo de burocratização, revelando seus limites como instrumentos eficazes na construção do socialismo:

Os sindicatos por profissões, as Câmaras do Trabalho, as federações industriais e a Confederação Geral do Trabalho são o tipo de organização proletária específico do período histórico dominado pelo capital. Pode-se argumentar que, num certo sentido, elas são parte integrante da sociedade capitalista e têm a função inerente ao regime de propriedade privada. Neste período, quando os indivíduos valem apenas enquanto possuidores de mercadoria que transacionam comercialmente, também os operários são forçados a obedecer às leis de ferro da necessidade geral; eles tornam-se comerciantes da sua única mercadoria: a sua força de trabalho e qualificação profissional. Mais expostos aos riscos de concorrência, os operários acumularam os seus bens em 'firmas' cada vez mais vastas e abrangentes, criaram estes enormes aparelhos para a concentração de energia de trabalho, impuseram preços e horários e disciplinaram o mercado. Eles contrataram do exterior, ou produziram no seu interior, um pessoal administrativo de confiança, perito neste tipo de especulação, capaz de dominar as condições do mercado, de estipular contratos, de avaliar os riscos comerciais, de iniciar operações economicamente úteis. O caráter essencial do sindicato não pode ser instrumento de renovação radical da sociedade: pode favorecer ao proletariado proficientes burocratas, peritos técnicos em questões industriais de índole geral, mas não pode constituir a base do poder proletário. Ele não oferece nenhuma possibilidade de desenvolvimento das qualidades individuais capazes e dignas de dirigirem a sociedade; o sindicato não pode produzir as hierarquias que encarnem as forças vitais, o ritmo do progresso da sociedade comunista (GRAMSCI, 1976, p. 42-43).

O sindicalismo revelou-se ser uma forma da sociedade capitalista. Ele organiza os operários não como produtores, mas como assalariados, isto é, como criaturas do regime capitalista de propriedade privada, como vendedores da mercadoria que é o trabalho. O sindicalismo une os operários, segundo os instrumentos de trabalho ou segundo a matéria a transformar, ou seja, o sindicalismo une os operários de acordo com as formas que lhe imprime o regime capitalista, o regime do individualismo econômico. A utilização de um instrumento de trabalho, em vez de um outro qualquer, a modificação de uma determinada matéria, em vez de uma outra, revela nas capacidades e nas atitudes a disparidade entre o trabalho e o ganho: o operário fixa-se na sua capacidade e na sua atitude e concebe-as, não como um momento de produção, mas como um puro meio de ganhar o salário.

No artigo intitulado *Sindicalismo e Conselhos (L'Ordine Nuovo)*, de 8 de novembro de 1919, Gramsci nos confirma essa posição, dizendo que:

O sindicato de profissão ou de indústria, unindo o operário aos seus camaradas da mesma profissão ou da mesma indústria, com aqueles que, no trabalho, usam o mesmo instrumento ou transformam a mesma matéria, contribui para a consolidação desta psicologia, contribui para o afastar de um possível auto-conceber-se enquanto produtor, e leva-o a considerar-se 'mercadoria' de um mercado nacional e internacional que estabelece, com o jogo da concorrência, o seu próprio preço, o seu próprio valor (GRAMSCI, 1976, p. 47-48).

Já os Conselhos, estes seriam uma experiência muito parecida com os “soviets russos”, ao construírem o duplo poder na Rússia, o poder dos operários, dos camponeses e dos soldados que foram as células da Revolução Bolchevique de 1917. Para Gramsci, o conselho de fábrica seria a célula da ditadura do proletariado, uma experiência socialista em potência. No mesmo artigo, Gramsci comenta sobre quais seriam as características principais dos Conselhos que os tornam uma experiência socialista, por excelência:

A ditadura do proletariado só pode encarnar num tipo de organização específico da atividade própria dos produtores e não dos assalariados, escravos do capital. O Conselho de fábrica é a célula original desta organização. Uma vez que no Conselho todos os ramos do trabalho estão representados, proporcionalmente ao contributo que cada profissão e cada ramo do trabalho dá à manufatura do objeto que a fábrica produz para a coletividade, ele é uma instituição de classe, é uma instituição social. A sua razão de ser está no trabalho, na produção industrial, num fato permanente e não no salário, nas divisões de classe, no fato transitório que precisamente se pretende superar. Por isso o Conselho realiza a unidade da classe trabalhadora, dá às massas uma forma e uma coesão da mesma natureza que a forma e a coesão assumidas pela massa na organização geral da sociedade. O Conselho de fábrica é o modelo do Estado proletário.

[...] Todos acabam por adquirir uma consciência comunista, ao empreenderem o grande passo em frente que a economia comunista representa em relação à economia capitalista. O Conselho é o órgão mais adaptado à educação recíproca para o desenvolvimento do novo espírito social que o proletariado conseguiu exprimir a partir da experiência viva e

fecunda da comunidade do trabalho. A solidariedade operária, que no sindicato era desenvolvida pela luta contra o capitalismo, no sofrimento e no sacrifício, no Conselho é positiva, permanente, encarnada até aos mais insignificantes momentos da produção industrial, contida na consciência alegre de pertencer a um todo orgânico, a um sistema homogêneo e compacto que, através do trabalho útil e da produção desinteressada da riqueza social, afirma a sua soberania, realiza o seu poder e liberdade criadora de história (GRAMSCI, 1976, p. 44).

Assim, a existência do Conselho dá aos operários a responsabilidade direta da produção, leva-os a melhorarem o seu trabalho, instaura uma disciplina consciente e voluntária e cria a psicologia do produtor, do criador de história. Os operários poderão renovar os sindicatos, transportando para ele sua nova consciência e, em vez de se entregarem, simplesmente, à atividade da luta de classes, dedicar-se-ão à tarefa fundamental de imprimir uma nova configuração à vida econômica e à técnica do trabalho, à elaboração da forma de vida econômica e de técnica profissional próprias da civilização comunista. Assim sendo,

[...] os sindicatos, formados pelos melhores e mais conscientes operários, realizarão o momento supremo da luta de classes e da ditadura do proletariado: criarão as condições objetivas que permitirão que as classes nunca mais existam nem voltem a aparecer (GRAMSCI, 1976, p. 45).

Contudo, a experiência, infelizmente, acabou sendo destruída pela ofensiva do capital italiano e pela ilusão da via reformista assumida pelo PSI, que levará Gramsci e a ala esquerda do PSI a formarem o PCI, seção da IIIª Internacional. A

derrota da experiência da comuna levará Gramsci a tecer críticas ferinas ao processo de burocratização dos sindicatos, bem como aos seus limites economicistas. Para ele, não seria o Sindicato o instrumento de luta por excelência dos trabalhadores na construção do socialismo, embora fosse importante por apontar a luta econômica como uma das esferas da luta de classe contra o Capital. Depois dessa constatação e das decepções que sofreu nesse processo, tanto com o PSI quanto com a CGT, o filósofo parte para definir, entre os instrumentos de luta da classe, qual o mais importante, que tem a capacidade de unificar as diversas lutas parciais da classe e universalizá-la como Projeto de uma nova sociedade. Esse instrumento, segundo suas análises, só pode ser o Partido Político, cuja função seja representar os interesses coletivos da classe e fazer do Projeto dos trabalhadores o melhor para toda a sociedade. Só o Partido da Classe Trabalhadora pode desenterrar as contradições que impedem o pleno desenvolvimento do gênero humano na sua totalidade, e esse partido, para Gramsci é o Partido Comunista Italiano.

Ademais, o Partido seria um adiantar do novo Estado Socialista a ser construído pelos trabalhadores nos seus embates contra o capital fosse na esfera econômica, fosse nas esferas política e ideológica e cultural. O Partido deve combinar as lutas dos diversos movimentos sociais e torná-las uma luta de classes, uma luta contra o inimigo da classe trabalhadora, contra os capitalistas. Dessa forma, o Partido ajuda a classe a se organizar, a se mobilizar e a se formar para disputar a hegemonia ou a direção e o controle so-

cial. O Partido é o Príncipe Coletivo, que deve dar a direção à classe para que ela se torne a classe dominante, e construa uma sociedade mais humana, onde todos possam desenvolver, plenamente, suas capacidades. Portanto, o Partido da Classe trabalhadora precisa preparar quadros e educar a classe para que ela possa, enquanto organizada, tomar o poder, fazer acontecer a revolução socialista e pôr fim àquilo que Marx chamou de pré-história da humanidade, uma era onde ainda predomina a dominação de uma classe por outra, ou ainda exista a exploração do homem pelo próprio homem.

Do partido socialista ao partido comunista

Gramsci define o problema concreto e imediato do Partido Socialista como o problema do poder, o problema dos modos e das formas que possibilitem a organização de toda a massa dos trabalhadores italianos numa hierarquia que culmine, organicamente, no Partido; é o problema da construção de um aparelho estatal que, no seu âmbito interno, funcione democraticamente, isto é,

[...] garanta a todas as tendências anticapitalistas a liberdade e a possibilidade de se tornarem partidos do governo proletário, mas que, externamente, seja como uma máquina implacável que esmague os organismos do poder industrial e político do capitalismo (GRAMSCI, 1976, p. 57).

Enquanto membro e direção do PSI percebia, claramente, a degeneração deste, e também do CGT; no entanto, não dei-

xava de afirmar o papel do Partido, como dirigente da classe trabalhadora italiana. Num artigo intitulado O Partido e a Revolução (*L'Ordine Nuovo*), de 27 de dezembro de 1919, ele nos demonstra essa posição, da seguinte forma:

O Partido Socialista, com a sua ação intransigente no domínio político, consegue os mesmos resultados que os sindicatos no campo econômico: põe fim à livre concorrência. O Partido Socialista, com o seu programa revolucionário, retira ao aparelho de Estado burguês a sua base democrática, que é o consenso dos governados. Ele influencia cada vez mais largas massas populares e garante-lhes que o estado de miséria em que se debatem não é nem uma faze(sic) temporária nem um mal inevitável, mas corresponde a uma necessidade objetiva: é o momento inelutável de um processo dialético que tem de transbordar numa violenta conturbação, numa regeneração da sociedade. Eis como o Partido se vem identificando com a consciência histórica das massas populares e governa o seu movimento espontâneo, irresistível; é um governo incorpóreo, funciona através de milhões de elos espirituais, uma irradiação de prestígio, que só em momentos culminantes se pode tornar um governo eficaz: num apelar para as ruas, num dispor físico de forças militantes, prontas para a luta com o fim de afastar um perigo ou dissolver uma nuvem de violência reacionária (GRAMSCI, 1976, p. 61).

Em 1920, após os acontecimentos que levaram ao fim os conselhos de fábrica, e diante das posições reformistas do PSI, Gramsci já vislumbra a necessidade de construção de um outro partido que cumpra as finalidades de guiar e educar a classe trabalhadora italiana, tarefas essas deixadas de lado pelo PSI. A partir daí, Gramsci começa a criticar abertamente

o comportamento do PSI, apontando que as instituições entram em crise, quando a sociedade entra em crise; e esta crise não poupa nem mesmo as instituições da classe trabalhadora. Mesmo o tradicional partido político da classe operária italiana, o Partido Socialista, não fugiu ao processo de decomposição de todas as formas de associação, processo característico do período em que Gramsci vivia. O filósofo e político critica o reformismo que tomou conta do PSI e da CGT, comparando-o ao *Labor Party* da Inglaterra, como podemos verificar no texto O Partido Comunista II (*L'Ordine Nuovo*), de 9 de outubro de 1920, ao nos afirmar que:

Na verdade, o Partido Socialista Italiano, pelas suas tradições, pelas origens históricas das várias correntes que o constituíram, pelo pacto de aliança, tácito ou explícito, com a Confederação Geral do Trabalho [...], pela autonomia ilimitada concedida ao grupo parlamentar [...], o Partido Socialista Italiano em nada difere do *Labor Party* inglês, e só é revolucionário nas afirmações gerais do seu programa. Trata-se de um conglomerado de partidos; move-se e não o faz de outro modo, indolente e tardiamente; expõe-se continuamente a ser presa fácil dos aventureiros, dos carreiristas, dos ambiciosos sem honestidade nem capacidade política; pela sua heterogeneidade, pelos inúmeros atritos das suas engrenagens, desgastadas e sabotadas por servos-patrões, já não se encontra em condições de assumir o peso e a responsabilidade das iniciativas e ações revolucionárias que a pressão dos acontecimentos incessantemente lhe impõe. Daí o paradoxo histórico que resulta do fato de que, em Itália, são as massas que impelem e 'educam' o Partido da classe operária e não o Partido que guia e educa as massas (GRAMSCI, 1976, p. 148).

Nem a orientação política do PSI escapa da crítica de Gramsci, ao dizer, com todas as letras que o Partido Socialista é o defensor da doutrina marxista, deveria: ter nesta doutrina uma bússola para se orientar através dos acontecimentos; possuir a capacidade de previsão histórica que caracteriza os seguidores inteligentes da dialética marxista; ter um plano geral de ação baseado nesta previsão histórica; e estar em condições de lançar à classe operária em luta palavras de ordem claras e precisas. Mas, ao contrário, o Partido Socialista, o partido defensor do marxismo na Itália, encontra-se como Partido Popular, como o partido das classes mais atrasadas da população italiana, exposto a todas as pressões das massas, move-se e divide-se quando as massas se movem e se dividem. Na passagem abaixo, Gramsci além de criticar a letargia do PSI, aponta para o núcleo comunista existente no seu interior que o ajudará a formar o PCI. No artigo sobre O Partido Comunista II (*L'Ordine Nuovo*) de 9 de Outubro de 1920, ele nos assevera que: Na verdade, este Partido Socialista, que se proclama guia e educador das massas, não é mais que um pobre notário que registra as operações empreendidas espontaneamente pelas massas; este pobre Partido Socialista, que se proclama chefe da classe operária mais não é que o *comboio das bagagens* do exército proletário. Se este estranho procedimento do Partido Socialista, se esta bizarra condição do partido político da classe operária, nas seções urbanas do Partido, nos sindicatos, nas fábricas, nas aldeias, existem grupos enérgicos de comunistas conscientes da sua função histórica, enérgicos e astutos na ação, capazes de guiarem e educarem as massas locais do proletariado; é porque existe potencialmente no seio do Partido Socialista um Partido Comunista, ao qual não falta senão organização explícita, centralização e uma disciplina própria para se desenvolver rapidamente, conquistar e renovar a massa dos membros do partido da classe operária, dar uma nova orientação política à Confederação

Geral do Trabalho e ao movimento cooperativo (GRAMSCI, 1976, p. 149).

No mesmo artigo, ele aponta que, dia a dia, o Partido Socialista se decompõe e se desintegra com uma rapidez fulminante; as tendências, num brevíssimo espaço de tempo, já adquiriram uma nova configuração; confrontados com a responsabilidade da ação histórica e com as obrigações assumidas na adesão à Internacional comunista, os homens e os grupos perturbaram-se e alteraram-se; o equívoco centrista e oportunista captou uma parte da direção do Partido, lançou a perturbação e a confusão nas sessões. Diante desse quadro, Gramsci nos revela que o dever dos comunistas, na geral diminuição de consciência, de fé, de vontade, nesta tempestade de baixezas, de covardia e de derrotismo, é agrupar-se fortemente, harmonizar-se, preparar-se para as palavras de ordem que forem lançadas. Podemos verificar a força dessas considerações, na seguinte citação:

Os comunistas sinceros e desinteressados devem, com base nas teses aprovadas no II Congresso da III Internacional, com base na disciplina leal à suprema autoridade do movimento operário mundial, empreender o trabalho necessário para que, no mais curto prazo possível, se constitua a fração comunista do Partido Socialista Italiano, que, para o bom nome do proletariado italiano, deve, no congresso de Florença, tornar-se de nome e de fato o Partido Comunista Italiano, seção da III Internacional comunista; para que a fração comunista se constitua com um aparelho diretivo orgânico e fortemente centralizado, com articulações disciplinadas próprias em todos os lugares de trabalho, e entre na luta da classe operária com um complexo de serviços e de instrumentos para o controle, para a

ação, para a propaganda, que lhe permita funcionar e desenvolver-se a partir de hoje como verdadeiro partido (GRAMSCI, 1976, p. 150).

Em um artigo, chamado O Partido Comunista I (*L'Ordine Nuovo*), de 4 de setembro de 1920, ele ressalta que o Partido Comunista é o instrumento e a forma histórica do processo de libertação interior, através do qual o operário, de executor passa a iniciador, de massa a guia e chefe, de braço a cérebro e vontade; na formação do Partido Comunista colhe-se o germe da liberdade, que encontrará o seu desenvolvimento e a sua plena expansão depois do Estado operário ter organizado as condições materiais necessárias. E esclarece:

O Partido Comunista, mesmo como simples organização, revelou-se a forma particular da revolução proletária. Nenhuma revolução do passado conheceu partidos; eles nasceram após a revolução burguesa e decompõem-se no terreno da democracia parlamentar. Também neste campo se verificou a idéia marxista de que o capitalismo cria as forças que depois não consegue dominar. Os partidos democráticos serviam para selecionar os homens políticos de valor e fazê-los triunfar na competição política; hoje, os homens do governo são impostos pela banca, pelos grandes jornais, pelas associações industriais; os partidos desintegraram-se numa multiplicidade de clique pessoais. O Partido Comunista, nascendo das cinzas dos partidos socialistas, repudia as suas origens democráticas e parlamentares e revela as suas características essenciais, que são originais na história. A revolução russa é uma revolução levada a cabo por homens organizados no Partido Comunista, homens que, no Partido, moldaram uma nova personalidade, adquiriram novos sentimentos, realizaram uma vida moral

que tende a tornar-se consciência universal e objetivo para todos os homens (GRAMSCI, 1976, p. 140).

Para Gramsci, o Partido Comunista Italiano será o instrumento que foi gestado na luta de classes, saído do PSI e, criticando seu reformismo, vai dar a direção, organizando, mobilizando e formando a classe trabalhadora para que ela possa destruir o capitalismo e construir no seu lugar um Estado socialista, etapa necessária rumo ao futuro comunista. Neste caminho, ele não valoriza apenas o Partido, mas os demais instrumentos da classe, como o conselho de fábrica, os sindicatos e outras formas gestadas pela classe trabalhadora que lhe permitem lutar contra o capital. O Partido, no entanto, é o instrumento, por excelência, que deverá aglutinar e coordenar todos os outros, para que a classe trabalhadora tenha a força e a capacidade coletivas de superar uma sociedade mesquinha e desumana, a sociedade do capital.

Conclusão

Os Sindicatos e os demais movimentos sociais são fundamentais na luta pela emancipação do proletariado, mas só o Partido Político é capaz de articular as diversas reivindicações desses numa luta de toda a classe trabalhadora. Em suma, Gramsci nos ajuda a perceber os limites da luta economicista dos sindicatos, de como sua ação é limitada pela lógica do capital e, ao mesmo tempo, sua vital importância para que as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores não se degradem ainda mais, no capitalismo. O Partido Político, ao contrário, ajuda no

fortalecimento dos Sindicatos e dos demais movimentos sociais, pois universaliza as propostas parciais próprias desses movimentos. O Partido é fundamental na organização, na mobilização e na formação política dos trabalhadores, rumo a uma nova forma de sociedade, que coloque no centro o ser humano e, não mais, as mercadorias.

Referências

BOGO, Ademar. *Teoria da organização política II*. São Paulo: Expressão popular, 2006.

DIAS, Edmundo Fernandes et al. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000. v. 3.

_____. *Sobre democracia operária e outros textos*. Lisboa: Ulmeiro, 1976. (Biblioteca Ulmeiro, n. 4).

SIMIONATTO, Ivete. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social*. 3. ed. Florianópolis: UFSC; São Paulo: Cortez, 2004.